

“HÁ UMA ESPERANÇA PARA O SEU FUTURO” (Jr 31,7-22)

Tomaz Hughes

Não há dúvida de que estamos todos vivendo, nesses primeiros anos do Terceiro Milênio, não somente uma época de mudanças, mas a mudança duma época. Qualquer observador atento da conjuntura atual mundial – e brasileira – vai notar as mudanças radicais já em andamento em todos os aspectos da convivência humana nos últimos anos. O filósofo e historiador inglês Eric Hobsbawm, uma das vozes mais respeitadas no seu campo, publicou um livro muito interessante sobre o Século XX, tendo como título da edição portuguesa *A Era dos Extremos – O Curto Século XX*. Logo, o subtítulo chama a atenção – como pode um século ser curto? Afinal, cem anos são cem anos! Mas, na análise de Hobsbawm, o Século XX começou na realidade em 1914, e terminou em 1991. Os anos antes de 1914 pertenciam à realidade do Século XIX, e desde 1991 estamos vivendo o Terceiro Milênio! Obviamente, essas duas datas não foram escolhidas aleatoriamente. A primeira marca a eclosão da Primeira Guerra Mundial (que ainda hoje os ingleses chamam de “A Grande Guerra”) – um evento que mudou para sempre as relações internacionais políticas, econômicas, sociais e culturais. Podemos afirmar com segurança que o assassinato do Arquiduque Franz Ferdinand, do Império Austro-Húngaro, e da sua esposa, em Sarajevo (ainda recentemente palco de cenas tristes), engatilhou um processo que mudaria para sempre os rumos da sociedade mundial.

Igualmente, 1991 marcou o fim de um outro império, o da União Soviética, um evento que também mudou para sempre todas as relações internacionais e cujas ramificações estão sendo sentidas até hoje – um evento cujas conseqüências, a longo prazo, ainda não estão definidas. Marcou o fim do “socialismo real”, a vitória, pelo menos aparente, das forças do mercado e da ideologia do lucro; marcou a marcha aparentemente inexorável do rolo compressor do neoliberalismo, com seu “evangelho” de competitividade e a sua “lei da selva” da sobrevivência dos mais fortes e do abandono dos mais fracos. Desde então estamos vivendo já a realidade de uma “Nova Etapa” da humanidade, com os temas dominantes da “Globalização do Mercado”, “Qualidade Total”, “Forças do Mercado Livre”, “Nova Era”, entre outros.

Percorrendo a história do Brasil e dos povos latino-americanos em geral, impressiona como, desde a chegada dos espanhóis e portugueses (e, em escala menor, ingleses, franceses e holandeses) na região, nossos povos têm vivido sob a tutela do imperialismo nas suas mais diversas formas. No caso do Brasil, depois da dominação portuguesa, iniciou-se com o Império a dominação do povo pela oligarquia que tinha as mesmas raízes. A Velha República continuava o sistema de dominação da maioria pelas elites, algo que continua até os dias de hoje. No momento presente, o povo – menos a elite – geme sob a opressão do Império Norte-americano, com a sua dominação total do cenário mundial, através da sua força militar e econômica. Os nomes dos opresso-

res mudaram – Império Português, Império Brasileiro, Oligarquias, ditadores militares, FMI –, mas a dura realidade das massas continua, até piorando cada vez mais.

Um dos resultados mais gritantes dessa opressão continuada se manifesta na perda de esperança na possibilidade de um futuro melhor, por uma grande parte do povo. Diante de tantas experiências de seus sonhos traídos, seja pelos populistas, ditadores, ou neoliberais, muitos já não acreditam na possibilidade de um mundo melhor e se resignam a uma vida que pouco mais é do que a sobrevivência. O sentimento de impotência toma conta de muitos, levando-os a perder a utopia, a vontade de lutar por uma sociedade justa, igualitária e fraterna.

A experiência dos povos do Brasil e da América Latina não é única. Dessa experiência amarga partilham, entre outros, muitos povos da África e Ásia. Também assim era a experiência do Povo de Deus no Antigo Testamento. Desde o início do século VIII antes de Cristo, o povo de Israel (ou, se preferirmos, de Israel e Judá) vivia sob a forte dominação estrangeira. Essas dominações tinham diversos matizes e estratégias, mas todas – da Assíria, Babilônia, Pérsia, dos Lágidas, Selêucidas e Romanos – tinham uma coisa em comum: a exploração ferrenha do povo dominado, através do controle político e econômico, respaldado na sua força militar. A ascensão do Império Assírio, iniciada sob o reinado de Adadnirari I (912-891 aC) e a sua irrupção de maneira decisiva na vida do povo de Israel e Judá sob o Imperador Teglat-Falasar III (745-727 aC) marcaram para o povo de Deus o início de uma nova era, com o mundo conhecido deles dominado totalmente por um único poder militar e econômico. O paralelo com os eventos dos últimos quinze anos da nossa me parece claro.

O Povo de Deus também desanimava e perdia a esperança. Mas Deus sempre suscitava homens e mulheres – os profetas e profetisas – para que não morresse a esperança, para manter viva a utopia e a certeza de que um outro mundo era possível. Nesta reflexão, vamos examinar um texto de Jeremias (31,7-22). Numa situação de globalização do poder político, econômico e militar do Império Assírio o profeta assegura ao povo esmagado que vale a pena manter a esperança, pois “*há uma esperança para o teu futuro*” (Jr 31,17).

O ocaso do Reino de Israel

Diante da política expansionista do Império Assírio, o Reino de Israel foi perdendo progressivamente os seus territórios até ser reduzido a uma área minúscula, num estado de vassalagem total. Porém, por motivos desconhecidos – talvez por pressão do partido antiassírio na sua corte – o rei Oséias (731-723) rompeu com a Assíria. Suspendeu os tributos a Salmanasar V e iniciou os contatos com o poder egípcio, visando apoio político e talvez militar (2Rs 17,4). Foi o decreto de óbito para o estado do Norte. Salmanasar V prendeu Oséias (2Rs 17,4) e a capital Samaria foi sitiada durante três anos. Somente em 722, no fim do reinado de Salmanasar, a cidade caiu (2Rs 17,6). O estado de Israel tornou-se a província assíria de Samerina. A classe alta, segundo a prática assíria, foi deportada para a Mesopotâmia e a Média (2Rs 17,6) e povos oriundos de cinco locais diferentes foram trazidos de Babilônia e Síria (2Rs 17,24). Um tex-

to de Sargon II diz que foram deportadas 27.280 pessoas, para nunca mais regressar. Parecia o fim da esperança para as tribos do Norte.

O contexto histórico do texto

O contexto histórico dos oráculos deste capítulo é uma questão muito controversa entre exegetas e estudiosos, pois não se tem um consenso sobre a identificação do “Israel” a quem se dirigem os pronunciamentos. Alguns acham que a referência é ao povo todo – dos Reinos do Norte e do Sul – uma vez que os pronunciamentos são de um profeta que vivia poucos anos antes do Segundo Isaías. Uma outra solução proposta é que os oráculos foram pronunciados por Jeremias enquanto permanecia em Masfa, junto a Godolias, depois da destruição de Jerusalém por Nabucodonosor, para a consolação do resto de Judá. Porém, a opinião mais convincente diz que os pronunciamentos são de um período anterior do ministério de Jeremias, e que, na sua origem, se destinavam apenas aos sobreviventes do Norte, depois da destruição do Reino de Israel por Salmanasar V em 722. É bem possível que uma segunda redação, feita depois da catástrofe de Jerusalém em 587, estendeu o seu alcance ao povo de Judá também. O uso de muitos nomes próprios, como Samaria, Jacó, Efraim, Ramá, faz mais sentido se Jeremias se dirigia ao Reino do Norte, vivendo a experiência de destruição e exílio desde 722. Também muitos temas e expressões dos capítulos trazem ecos do seu poema sobre a conversão (3,1–4,2). A influência de Oséias sobre ambos os capítulos é clara, e por isso podemos concluir que o melhor contexto histórico para a origem desses oráculos seria durante a tentativa de Josias de expandir a sua influência sobre o Norte, onde o jugo assírio praticamente não existia mais no seu tempo, devido ao enfraquecimento interno do Império. Jeremias pensava que o castigo pela infidelidade do povo já havia se completado e que uma reunificação de todo o povo sob um rei davídico estava perto. Essa esperança foi frustrada pela ascensão de um novo poder imperial – o da Babilônia – e não é impossível que o próprio profeta tenha estendido a Judá, depois da destruição de Jerusalém, a sua esperança anterior para o norte de Israel.

A mensagem do Texto

Os versículos 31,7-22 situam-se no contexto de uma unidade importante do livro de Jeremias, os capítulos 30,1–31,40. Há consenso que essa seção do livro contém o auge de toda a profecia (31,31-34). Estes dois capítulos são o cume de toda a mensagem de esperança.

O Novo Êxodo (v. 7-14)

Esses versículos recordam plenamente o tema do Êxodo, a experiência fundante de Israel, que revelava a natureza do seu Deus – um Deus libertador que tomava o partido dos oprimidos contra os seus opressores. Esse rosto do Deus verdadeiro tinha sido ofuscado durante muito tempo pela aliança real e sacerdotal, mas os profetas nunca deixaram o povo esquecer que as verdadeiras raízes da sua experiência de Deus não se encontravam no templo de Jerusalém, dominado pelas elites, mas na experiência do

Êxodo. Jeremias situa-se dentro dessa tradição e faz uma releitura da situação do povo de Samaria, como uma atualização do Êxodo. Proclama que Deus salvou “*um resto*” – os poucos que sobreviveram à calamidade de 722 e ficaram purificados pela experiência dolorida para ser o novo Israel, fiel ao seu Deus. Esse novo êxodo trará de volta os fracos e desprezados – frisa a presença de cegos e aleijados. As mulheres grávidas, também mencionadas, simbolizam a gestação dum novo futuro. Eles que partiram em pranto voltarão em risos – o mesmo tema de retorno que se expressa no Sl 126. Os versículos reúnem as três etapas do Êxodo – o povo será reunido, conduzido pelo deserto e trazido à pátria pela ação de Javé.

O v. 10 alarga o horizonte do acontecimento – nações e ilhas distantes são convidadas a testemunharem o evento milagroso. Isso tornar-se-á tema predileto do Segundo Isaías (Is 11,1; 41,1; 42,10.12; 49,1) e já estava presente no poema penitencial do início do Livro de Jeremias (Jr 2,10). Aqui se vislumbra a visão universalista que explodiria com Jesus – o amor de Deus tem alcance universal, sem exclusões, embora Israel seja o beneficiário imediato. Isso acontece através da libertação de Israel, por Deus, das mãos fortes da Assíria (v. 11), como outrora fez diante do Egito. O resultado será uma explosão de alegria e celebração, onde o luto dos sofridos será transformado em alegria.

O fim da lamentação de Raquel (v. 15-20)

Neste trecho, Jeremias usa uma linguagem quase lírica, para expressar o sofrimento do Reino do Norte, personificado pela pessoa de Raquel, mãe de José e Benjamim, e avó de Efraim. Efraim era um dos nomes usados para designar o Reino do Norte, no Antigo Testamento, especialmente no profeta Oséias, cuja influência se faz sentir. Raquel, aquela que morreu pelo caminho depois do parto de Benjamim, vem do túmulo – que a tradição mais antiga localizava no território de Benjamim – para chorar os seus filhos (Efraim e Benjamim), ou seja, o povo de Israel que não existe mais como povo. Como em Is 49,21 Javé responde pessoalmente, e lhe assegura que a recompensa pelas dores será a volta dos seus filhos, pois trará de volta um resto fiel para a pátria. Apesar das aparências, “existe uma esperança para o seu futuro”, garante o Deus fiel, que nunca abandona o seu povo.

Nos versículos 18-19, Efraim faz uma lamentação a partir da sua consciência de pecador. O verbo hebraico usado para “voltar” tem dois sentidos principais – o de “voltar de um exílio” e o de “converter-se pessoalmente”. No contexto o sentido do retorno dos exilados é fundamental, mas sem dúvida o profeta também pensava na necessidade da conversão. A volta para uma nova situação não pode ser um simples retornar à situação pré-exílica – é para criar uma nova sociedade, baseada nos princípios que nortearam a fundação do povo através da experiência do Êxodo e da Aliança. Efraim reconhece “a vergonha da minha juventude” (v. 19): isto é, o pecado do povo eleito brota das suas origens, e por isso os profetas freqüentemente lembram essa ingratidão diante do amor de Javé (cf. 3,25; 22,21; 32,20; Ez 16,23; Is 48,8; 54,4 etc.).

Diante das dúvidas do povo, Javé se expressa com termos de compaixão e amor. Ele se apresenta como se fosse dominado pela compaixão e misericórdia, como expressa Oséias na linguagem comovente do seu poema sobre a paternidade de Deus (Os 11).

A volta para um mundo diferente (v. 21-23)

A coleção de poemas encerra-se com o mandamento de pôr-se em marcha para recomeçar na pátria. Diante da hesitação do povo, consciente da sua fraqueza, Deus insiste. O texto usa a imagem de Israel como virgem, uma personificação clássica no Antigo Testamento. Deus já a tinha convidado para voltar: “Volta, Israel apóstata, que eu não porei má face, porque sou leal e não guardo rancor eterno” (Jr 3,12). Nesses versículos, torna a insistir com urgência – é essencial que Israel crie coragem e coloque os pés no caminho, acreditando que Deus pode tudo, apesar da sua fraqueza como povo: “Até quando você ficará indecisa, filha rebelde” (v. 22).

Mais uma vez fica claro que não se trata de um simples retorno geográfico a Jerusalém ou à pátria, mas uma nova criação por parte de Deus (cf. Is 43,18; 48,7). Israel é chamado a participar como parceiro na criação contínua de Deus – ajudando na criação da sociedade que Deus sonha, onde não há exclusão, discriminação por qualquer motivo que seja, competitividade entre pessoas, inimizade, exploração, opressão nem violência. Pois algo inédito vai acontecer: “Javé está criando uma coisa nova no país: a mulher seduz o homem” (v. 22).

Essa linguagem simbólica, fortemente enraizada na tradição Bíblica, expressa o início de algo inédito na história do Povo de Deus. Aqui “mulher” simboliza Israel e “homem” simboliza Javé. Enquanto Jeremias e Oséias falavam de Israel como esposa adúltera, que merecia ser divorciada pelo marido Javé (Os 1–3; Jr 2,20), ela agora seduz o seu marido, o Deus da vida, fazendo com que uma sociedade nova se criasse no país.

Atualizando

O Império Assírio dominava totalmente o Oriente Médio Antigo, durante mais de um século e meio. Durante mais de cem anos o povo do Reino do Norte sobrevivia como um pequeno resto ao redor da Samaria, enquanto a maioria desapareceu na vastidão do Império, para nunca mais regressar. O império dominava os pequenos estados fracos, em três etapas: num primeiro momento, criava-se um relacionamento de vassalagem diante da demonstração do poderio militar, com obrigação de pagamento de tributos regulares, ou em dinheiro ou espécie (mantimentos, matéria-prima, etc.). Em caso de qualquer sinal de resistência, num segundo passo, substituía-se o vassalo rebelde com alguém mais ameno, de preferência do próprio povo dominado, para colocar em prática as decisões tomadas na Assíria. Também aumentava-se o peso da tributação, como também a pressão militar e diplomática da Assíria. O Império hegemônico controlava totalmente a política dos países nominalmente independentes, mas na verdade subjugados. Se essas medidas não garantiam a dominação, num terceiro momento ocupava-se o país militarmente, e ele era incorporado no império como Província Assíria.

Não precisamos de muita imaginação para ver que hoje estamos vivendo algo muito semelhante ao segundo estágio de vassalagem, diante do Império hegemônico da nossa era. O mundo consiste de quase duzentos países independentes, mas na realidade com a vasta maioria subjugada ao poder do Império. As decisões mais importantes são tomadas nos centros financeiros do mundo, sem levar em conta as necessidades do povo, e colocadas em prática por políticos afinados com os princípios nefastas do neoliberalismo. Povos inteiros são sacrificados às exigências do lucro, exilados das suas terras, dispersos pelo Império, com as suas raízes familiares, religiosas e culturais destruídas. Tudo em nome do “progresso” ou do “desenvolvimento” ou da “modernidade”. Diante dessa situação, não é de se admirar que haja desânimo, descrença e cinismo em grandes setores da sociedade civil e das Igrejas.

Muito atual, então, a mensagem de esperança de Jeremias! Pois hoje também se ouve a voz de Raquel chorando os seus filhos: o choro dos desempregados, sacrificados no altar do “livre comércio”; dos sem-terra, exilados das roças em nome de uma pretensa modernização agrícola; dos povos indígenas, desrespeitados em suas identidades e tradições; dos jovens sem perspectiva; de tanta gente à mercê de paramilitares da esquerda, da direita, ou do narcotráfico; dos favelados e povo morador da rua; das crianças abandonadas e prostituídas. A lista parece infinita.

Diante dessa paisagem devastadora, os corifeus do neoliberalismo, na mídia e na política, proclamam os benefícios da globalização do mercado, da lei da selva, da competitividade e procuram estender mais ainda os tentáculos do monstro opressor através da ALCA (Área de Livre Comércio das Américas) e outros mecanismos. Adianta resistir?

Nessa situação penosa ressoa a voz da Palavra de Deus como ressoava dois mil e seiscentos anos atrás, numa situação semelhante. *“Há uma esperança para o seu futuro”*, brada aos quatro cantos da terra! E essa esperança tem um fundamento sólido – o único alicerce de um mundo novo, o fato que Deus existe e age. Não o deus dos filósofos ou deístas, não o deus que justifica e legitima a opressão, como a leitura fundamentalista da direita proclama, mas o Deus da Bíblia, o Deus de Jesus Cristo, o Deus que olha para o Brasil e para o mundo e *“vê muito bem a miséria do seu povo, ouve o seu clamor contra os seus opressores, e conhece os seus sofrimentos. Desce para libertá-lo e fazê-lo subir para uma terra onde brota leite e mel”* (cf. Ex 3,7-10).

Este é o Deus que pode recriar tudo, *“fazer novas todas as coisas”*. Mas não o faz sozinho. Ele já se encarnou em Jesus, o Verbo Divino *“que se fez homem e armou sua tenda entre nós”* (Jo 1,14). Jesus também foi condenado pelo Império vigente através dos seus representantes vassalos, Pilatos, Caifás e Herodes, mas venceu a morte e ressuscitou. O império da morte é mais fraco do que o Reino do Bem, de Deus. As aparências enganam. Quem imaginava que pudessem fracassar os Impérios dos Assírios, Babilônicos, Persas, Gregos, Romanos, Soviéticos? Mas pereceram. E o Império atual também fracassará sob o seu próprio peso. Mas não basta a queda de um Império, se for substituído por outro basicamente igual, quando não pior, como tantas vezes a história nos mostrou. Somos chamados a participar na obra criativa de Deus, recriando uma nova humanidade, uma nova sociedade, novas formas de sermos Igreja.

O primeiro passo para a libertação é a tomada de consciência de ser oprimido. Isso exige uma leitura crítica dos fatos. Durante o tempo de Judá e Israel muita gente ignorava o seu estado de opressão, pois a monarquia e o Templo combinavam para esconder a realidade, criando uma teologia que justificava até os atos mais bárbaros: “Eles profetizam: ‘Não profetizem, não profetizem essas coisas! A desgraça não cairá sobre nós. Por acaso a casa de Jacó foi amaldiçoada? Acabou a paciência de Javé?’” (Mq 2,6-7); “E ainda ousam apoiar-se em Javé, dizendo: ‘Por acaso Javé não está no meio de nós? Nada de mau nos poderá acontecer!’” (Mq 3,11). Mas Deus sempre suscitava a voz do profetismo para que a memória do Êxodo não fosse apagada. Urge recuperar essa mística do Êxodo, do profetismo, para purificar estruturas civis e eclesíásticas que não levam à libertação, à vida. Uma leitura bíblica, popular, mas científica, pode ajudar muito no sentido de criarmos uma verdadeira espiritualidade bíblica, uma mística, que pode nos sustentar tanto nos tempos de Êxodo como de exílio.

Os impérios antigos faziam tudo para imprimir nas mentes do povo oprimido que não existiam alternativas a eles. Algo semelhante acontece hoje. Os políticos da situação, junto com a grande mídia atrelada, insistem que não há outra opção a não ser entrar no ritmo mortífero do sistema vigente. É importante ter sensibilidade diante de tantos sinais da gestação de uma nova sociedade. Temos que valorizar as pequenas iniciativas que põem em prática a solidariedade e a fraternidade: milhares de grupos de base; os movimentos de valorização das minorias étnicas e culturais; o Fórum Social Mundial de Porto Alegre; a resistência à ALCA; políticos e partidos comprometidos com o povo; grupos nas Igrejas que mantêm o compromisso com o projeto de Jesus; grupos de saúde alternativa; movimentos populares; a nova consciência ecológica; ONGs que lutam pela vida e pela dignidade humana; as demonstrações contra a globalização em Seattle, Gênova etc. Há muitos motivos para ter esperança!

Quando Jeremias profetizava o retorno do povo, num Novo Êxodo, ele orientava: “Coloque marcos na estrada, finque estacas para sua orientação, preste atenção na estrada, no caminho que você percorreu” (31,21). Uma orientação valiosa para nós, pois não estamos começando da estaca zero. Já foi trilhada uma longa caminhada. Olhemos e conheçamos o caminho já feito: quanta luta, quanta resistência. Quantas vezes os impérios pareciam ganhar, e quantas vezes foram derrotados. É o dragão que deseja matar a criança, que é salva por Deus (Ap 13,1-6). Lembremo-nos dos nossos antepassados, das raízes da nossa espiritualidade, da fé dos nossos pais e avós, que diante de tanto sofrimento nunca perderam a esperança. Conheçamos a história do povo de Deus – o da Bíblia e o do Brasil –, pois, como disse um grande filósofo, “um povo que não conhece a sua história está condenado a repetir os mesmos erros”.

O grande marco no caminho é a Palavra de Deus. A Palavra que revela a fidelidade de Deus que nunca abandonou o seu povo. “*Há uma esperança para o futuro*” mas ela tem que ser alimentada por uma constante leitura orante da Bíblia, feita na ótica do Deus que liberta, que se encarnou em Jesus, que veio “para que todos tenham a vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10). Esse alimento espiritual, tomado em comunidade, é imprescindível para que possamos criar uma nova sociedade, passo por passo. Levemos a sério o convite do anjo a Elias, o grande profeta exausto e desanimado, quando

disse: “*levante-se e coma, pois o caminho é superior às suas forças*” (1Rs 19,7). Alimentados com o pão da Palavra proclamemos em palavra e ação ao mundo que “*Há uma esperança para o seu futuro*”.

Tomaz Hughes
Rua Baltazar Carrasco dos Reis 887
80215-160 Curitiba, PR
e-mail: thughes@netpar.com.br